

UNIVERSIDAD DE GRANADA

FLORENTIA ILIBERRITANA

REVISTA DE ESTUDIOS DE ANTIGÜEDAD CLÁSICA



Nº31/2020

eug

FLORENTIA ILIBERRITANA
REVISTA DE ESTUDIOS DE ANTIGÜEDAD CLÁSICA

Nº. 31, 2020
ISSN: 1131-8848

REVISTA PUBLICADA POR LA UNIVERSIDAD DE GRANADA

Fundada en 1990, publica un número anual con trabajos de Historia Antigua, Arqueología y Filología Clásica referentes al ámbito cultural mediterráneo y europeo. Se admiten recensiones de trabajos científicos.

Founded in 1990, publishes one number by year with articles on Ancient History, Archeology and Classical Studies of the Mediterranean and European cultural. Also reviews of scientific papers are admitted.

Director

Carlos de Miguel Mora (U. Granada)

Secretaria

Eva María Morales Rodríguez (U. Granada)

Consejo de Redacción

Minerva Alganza Roldán (U. Granada), Marina del Castillo Herrera (U. Granada), Charles Delattre (U. Lille 3), Pedro Rafael Díaz y Díaz (U. Granada), Mónica Durán Mañas (U. Granada), Concepción Fernández Martínez (U. Sevilla), Félix García Morá (U. Granada), Álvaro Ibáñez Chacón (U. Granada), María Juana López Medina (U. Almería), Manuel López Muñoz (U. Almería), François Quantin (U. Aix-Marseille), Alberto Quiroga Puertas (U. Granada), Francisco Salvador Ventura (U. Granada), Purificación Ubic Rabaneda (U. Granada), Juan Jesús Valverde Abril (U. Granada) y Arnaud Zucker (U. Côte d'Azur).

Consejo Asesor

A. Bancalari (U. Concepción, Chile), J.M. Baños Baños (U. Complutense, Madrid), T. Dorandi (CNRS, Paris), T. González Rolán (U. Complutense, Madrid), J.J. Iso Echegoyen (U. Zaragoza), C. Letta (U. Pisa), F.J. Lomas (U. Cádiz), J.A. López Férez (UNED, Madrid), J.M. Maestre (U. Cádiz), J. Mangas (U. Complutense, Madrid), A. Melero Bellido (U. Valencia), M.D. Rincón González (U. Jaén), J.F. Rodríguez Neila (U. Córdoba), E. Sánchez Salor (U. Extremadura), N. Santos Yanguas (U. Oviedo), F. Sousa e Silva (U. Coimbra).

Distribución y suscripciones:

EDITORIAL DE LA UNIVERSIDAD DE GRANADA.

Antiguo Colegio Máximo. Campus Universitario de Cartuja 18071 - Granada.

Tlf.: 958243930

Intercambios: DEPARTAMENTO DE HISTORIA ANTIGUA

Facultad de Filosofía y Letras. Campus Universitario de Cartuja, 18071 Granada.

INTERNET: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/florentia>. E-mail: floril@ugr.es

FLORENTIA ILIBERRITANA no se responsabiliza necesariamente de los juicios y opiniones expresados por los autores en sus artículos y colaboraciones.

© UNIVERSIDAD DE GRANADA

FLORENTIA ILIBERRITANA

Depósito Legal: GR. 948-1996.

ISSN: 1131-8848

Preimpresión: Taller de Diseño Gráfico y Publicaciones, S. L., Granada.

Motivo de Portada: Delfín – Motivo musivario de la villa romana de los Vergeles (Granada).

Fotografía de Eva María Morales Rodríguez.

FLORENTIA ILIBERRITANA (Flor. Il.)

ISSN: 1131-8848

Nº. 31, 2020, pp. 3-234.

ÍNDICE

	<i>Págs.</i>
Sumario	7-13

SEMBLANZAS Y HOMENAJES

MOLINA SÁNCHEZ, Manuel, A la profesora Aurora López López en su jubilación	15-17
---	-------

ARTÍCULOS

ABAD, José, <i>Carthago delenda est</i> . Historia Antigua y cultura popular	19-36
DORANDI, Tiziano, <i>L'Hymnus in omnes deos</i> GDRK S3 Heitsch	37-49
FERRACES RODRÍGUEZ, Arsenio, El imprescindible juicio del editor: un lugar crítico en el <i>Liber medicinae ex animalibus</i> de Sexto Plácito Papiense (<i>med.</i> 17.1)	51-66
FRENI, Giulia, Gli antichi e la <i>glaukophthalmia</i> : nuovi dati per la storia di un 'inestetismo' mediterraneo	67-80
MANUELLO, Patrick, Testimonianze greche e romane su Apollonio Rodio	81-98
MARTÍNEZ CHICO, David, Grafitos hispanos con el término <i>urceus</i>	99-107
RAMOS, Paulo, Influências paulinas e maniqueias em <i>De Genesi</i> <i>adversus Manichaeos</i> de Santo Agostinho	109-127

RAPOSO GUTIÉRREZ, Noemí, La delimitación de los espacios públicos en la necrópolis de “Porta Stabia” en Pompeya.....	129-159
SALAS JIMÉNEZ, Guillermo, Las construcciones de gerundivo y de gerundio con objeto en latín: condiciones para su alternancia	161-186
SANTOS, Juliana Magalhães, Sedução, sexualidade e morte em <i>Sobre o Assassinato de Eratóstenes</i> (Lísias I)	187-202
Reseñas	203-234

CONTENTS

Págs.

Table of contents	7-13
-------------------------	------

PORTRAITS AND TRIBUTES

MOLINA SÁNCHEZ, Manuel, To Prof. Aurora López López on the occasion of her retirement.....	15-17
--	-------

ARTICLES

ABAD, José, <i>Carthago delenda est</i> . Ancient History and popular culture	19-36
DORANDI, Tiziano, <i>Hymnus in omnes deos</i> GDRK S3 Heitsch.....	37-49
FERRACES RODRÍGUEZ, Arsenio, The editor's necessary judgement: a critical point at the <i>Liber medicinae ex animalibus</i> by Sextus Placitus Papiriensis (<i>med.</i> 17.1).....	51-66
FRENI, Giulia, The ancients and <i>glaukophthalmia</i> : new data for the history of a Mediterranean 'blemish'.....	67-80
MANUELLO, Patrick, Greek and Roman testimonies about Apollonius Rhodius	81-98
MARTÍNEZ CHICO, David, Hispanic Graffiti with <i>urceus</i> term.....	99-107
RAMOS, Paulo, Pauline and Manichean influences in Saint Augustine's <i>De Genesi adversus Manichaeos</i>	109-127

RAPOSO GUTIÉRREZ, Noemí, The delimitation of the public spaces in the necropolis of the “Porta Stabia” in Pompeii	129-159
SALAS JIMÉNEZ, Guillermo, Latin gerundive and gerund with object constructions: conditions for their syntactic alternation	161-186
SANTOS, Juliana Magalhães, Seduction, sexuality and death in <i>On the Murder of Eratosthenes</i> (Lysias 1).....	187-202
Reseñas	203-234

Sedução, sexualidade e morte em *Sobre o Assassinato de Eratóstenes* (Lísias I)

Seduction, sexuality and death in *On the Murder of Eratosthenes* (Lysias 1)

<https://doi.org/10.30827/floril.v31i.18392>

Juliana Magalhães SANTOS

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

transcrivere@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1499-2437>

Recibido el 08-02-2021

Aceptado el 28-04-2021

Resumen

En este trabajo vamos a ocuparnos de la correlación entre funciones sociales y usos sexuales de los cuerpos femeninos a partir de la obra de Lisias *Defensa por el homicidio de Eratóstenes*. Trataremos de forma más específica los temas relacionados con la sexualidad, como la traición, el matrimonio y las relaciones sexuales fuera de este. Estos tres temas presentes en la obra enfatizan el comportamiento desviado y la conducta, considerada dudosa, de las mujeres que se mencionan. Para analizar el tema, utilizaremos algunas reflexiones propuestas desde el campo de los Estudios de Género y sexualidad en la Antigüedad.

Palabras clave: Grecia clásica; estudios de género; sexualidad; leyes en la Antigüedad.

Abstract

In this article we will address the correlation between social functions and sexual uses of female bodies based on the work *On the Murder of Eratosthenes* by the speaker Lysias. We will deal more specifically with themes associated with sexuality, such as: betrayal, sexual relations without marital ties and marriage. These three themes present

in the work highlight the deviant behavior and the conduct considered dubious by the women mentioned. To analyze the subject, we will use some reflections proposed by the field of Gender and Sexuality Studies in antiquity.

Key Words: Classical Greece; Gender Studies; Sexuality; Laws in Antiquity.

Resumo

Neste artigo abordaremos a correlação entre as funções sociais e os usos sexuais dos corpos femininos a partir da obra *Sobre o Assassinato de Eratóstenes* do orador Lísias. Trataremos de maneira mais específica as temáticas associadas à sexualidade, como: traição, relações sexuais sem laços matrimoniais e casamento. Esses três temas presentes na obra destacam o comportamento desviante e a conduta considerada duvidosa das mulheres mencionadas. Para analisarmos o assunto, utilizaremos algumas reflexões propostas pelo campo dos Estudos de Gênero e sexualidade na antiguidade.

Palavras-chave: Grécia Clássica; Estudos de gênero; Sexualidade; Leis na Antiguidade.

Na documentação jurídica ática, dois textos forenses tratam de um tema relativamente pouco abordado do ponto de vista das ações femininas: o assassinato. Isso indica, em parte, que os assassinatos eram temáticas judiciais pouco comuns (considerando os textos supérstites), pois cabia à família atingida apresentar a queixa e as provas contra o assassino. Em *Sobre o Assassinato de Eratóstenes*, o processo é levado a juízo contra Eufileto, que matou Eratóstenes por ter seduzido sua esposa. Um outro exemplo sobre o tema se encontra na peça *Contra a Madrasta por Envenenamento*, em que vemos o enteado acusar a madrasta de ter envenenado seu pai com uma “poção para restaurar o amor”, levando-o à morte. Ambas as mulheres envolvidas nos casos parecem ter associação com a cidadania, devido a não citação de seus nomes (que supomos indicar uma proteção ou controle da identidade); levando, portanto, a designação de termos que poderiam estar associados ao status, como *gyné* e derivados; e o contraste da associação social entre elas e as demais mulheres citadas, *pallakai* e escravas. Perceberemos ao longo da análise que os textos não são unidos apenas pela temática, o assassinato, mas também pela menção à sedução e às práticas eróticas e sexuais desviantes do comportamento esperado. Isso nos faz refletir se, para os oradores, a abordagem do casamento seria um caminho para questionar

o comportamento feminino na tentativa de encontrar rupturas e continuidades de um comportamento ideal¹.

Em parte tal reflexão pode ser esclarecida pela maneira como os oradores apresentam seus discursos, como utilizam termos e como estruturam argumentos. Esses elementos demonstram a tentativa de comprovar os argumentos dos reivindicantes. No caso da produção de Antífote, por exemplo, há o destaque para o uso de figuras de linguagem, enquanto Lísias dá ênfase a figuras de pensamento, assim como Iseu. Este último tenta evitar a utilização de figuras de linguagem, provavelmente inspirado na prática retórica de Demóstenes². Já Ésquines se divide entre ambas: utiliza tanto as figuras de linguagem, quanto as figuras de pensamento. Consideramos as estratégias para identificar os estilos dos oradores, o que auxilia na análise dos conteúdos por eles apresentados.

A elaboração dos argumentos dos oradores possui diferentes objetivos e interesses. Cada qual utiliza uma estratégia retórica própria, com estilo e narrativa próprios. Seja na defesa da prática cidadã, seja na construção de um discurso como exercício retórico para o aprofundamento do saber legislativo, observa-se, porém, que o objetivo da lei, dos processos e dos discursos é a normatização das condutas sociais. Há um consenso na descrição dos comportamentos esperados, os quais estão geralmente ligados à temperança física e mental quando eles tratam a respeito de homens, e à temperança sexual, quando eles tratam a respeito de mulheres. Tratar-se-á, em seguida, como, através de táticas, o esperado comportamento sexual feminino tomava partido das brechas nas práticas requeridas, e de que maneiras podemos captá-las para a formação de um quadro que suplante a perspectiva idealista dos discursos.

Sexualidade, assassinato e a defesa de valores cidadãos

O convite para abraçar a vida sexual a partir do casamento, considerado (e esperado) como o primeiro contato de jovens bem-nascidas com a sexualida-

1. Sobre modelos ideais femininos na Grécia Antiga, ver: P. BRULÉ, *Women of Ancient Greece*, Edinburgh, 2006; S.B. POMEROY, *Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas: Mujeres en la Antigüedad Clásica*, Madrid, 1999; F. LESSA, *Mulheres de Atenas: Mélissa do Gineceu à Ágora*, Rio de Janeiro, 2001; C. MOSSÉ, *La femme dans la Grèce Antique*, Paris, 1983; P. SCHMITT PANTEL, “A História das Mulheres na Antiguidade, Hoje”, in G. DUBY & M. PERROT (eds.), *História das Mulheres no Ocidente I*, Porto, 1991, pp. 591-604.

2. R. C. JEBB, *Selections from the Attic Orators*, South Carolina, 2009, pp. 285-286.

de, expõe o controle dos desejos e vontades do corpo feminino³. As obrigações com a cidadã passam, no casamento, da família para o marido. O papel dessa mulher, nessa transição, passa a ser a satisfação da necessidade de perpetuação do marido por meio de herdeiros que um dia se tornarão cidadãos. Proporcionar herdeiros, portanto, finalizaria ou, ao menos, limitaria a etapa da prática sexual da sexualidade da mulher casada. Essa é a expectativa, em termos gerais. Porém, o discurso de Lísias *Sobre o assassinato de Eratóstenes* apresenta o inverso da expectativa. Segundo Lísias, a mulher de Eufileto, boa esposa e cuidadora das funções da casa, após ter lhe dado um filho e cuidado de sua falecida mãe, deixou-se seduzir por *Eratóstenes*. Ambos foram encontrados desnudos na cama⁴. Tal ação evidencia a dupla interdição do corpo: primeiro, pela submissão dos desejos femininos aos propósitos do casamento; segundo, pela punição, correção e vigilância da mulher cidadã casada. Porém, como poderia acontecer no caso de escravas e estrangeiras⁵, há banimento social. Nesse caso, o risco de sedução fora do *oikos*, que culmina (e culminou) no adultério, é afastado. Ainda que o adultério tenha acontecido no *oikos*, com a cumplicidade da escrava da casa⁶, ele iniciou no ambiente público, e a interdição da mulher nesse ambiente é uma punição que visa eliminar a possibilidade de um novo adultério acontecer.

Em outros discursos, como o de Demóstenes, *Contra Neera*⁷, e o de Ésquines, *Contra Timarco*⁸, vemos uma nítida aproximação entre adultério e prostituição. Ainda que ambos os casos tratem de prostituição, a ação dos acusados é denominada neles *moicheía*⁹, termo geralmente associado ao adultério ou conduta sexual

3. A. GLAZEBROOK, “Sexual Rhetoric: From Athens to Rome”, in T.K. HUBBARD (ed.), *A Companion to Greek and Roman Sexuality*, Oxford, 2014, pp. 431-445.

4. Lys. 1.6-26.

5. D. 59.

6. Lys. 1. 9-23.

7. D. 59.41,85,87.

8. Lys. 1.183,184.

9. A palavra *moicheía* (μοιχεία) poderia significar adultério ou ofensa criminal que atentasse contra a instituição familiar ou contra o *status* público/político de um cidadão masculino. Diferentes aspectos das leis sobre *moicheía* advogam sobre a possibilidade de vingança contra o *moichós* por parte daquele que sofreu a ofensa. As considerações a respeito da punição estabelecidas por Drácon (VII a.C.) são relativizadas por Sólon (VI séc. a.C.); porém, o motivo da acusação permanece inalterado. Essa relativização está presente, por exemplo, em *Contra o Assassinato de Eratóstenes* (Lys. 1). Ao defender a punição de Eratóstenes por Eufileto, o orador apresenta a defesa de que o assassinato do rival havia sido uma decisão acertada pois a ofensa contra um *oikos* era uma ofensa contra a cidadania e contra os cidadãos. Logo, a justificativa de Eufileto tenta resgatar o sentido de *moicheía* preconizado por Drácon. Ainda assim, esse tipo de recurso não é considerado comum em procedimentos jurídicos, tanto por parte do orador, quanto por parte de Eufileto.

desviante¹⁰. Essa concepção estava atrelada aos atentados contra a honra (masculina), aos atentados contra instituições importantes para a cidadania (associações políticas e casamento), aos atos impiedosos e ao prejuízo à comunidade. A prática da *moicheia* poderia ter como punição a violência física e até mesmo a morte. No caso da punição masculina, a violência física e a morte do adúltero poderiam estar amparadas em proposições legais para a proteção do oîkos, da instituição do casamento e da autoridade familiar (*kyrieia*)¹¹. Segundo Carey “probably therefore the right to kill was reserved under moicheia law for the limited sphere of relationships already allowed under Drakon's homicide law” (1995, p. 417)¹². Para a punição feminina, o princípio de proteção à rede familiar permanece, instando a possibilidade da exposição pública com a apresentação do caso perante o Areópago, (e a eventual indicação nominal das envolvidas, recurso geralmente não utilizado em casos envolvendo cidadãs), a possibilidade de desassociação ou divórcio e a destituição de bens adquiridos durante a convivência. No caso de Pirro¹³, o adultério também é abordado, visto que o irmão de Endius, sobrinho de Pirro, questiona a conduta da mulher do tio, considerando-a uma *hetaira*¹⁴. Destaca-se que o fato de a acusada estar morta elimina a possibilidade de qualquer punição. O mesmo não acontece nos casos de Neera e Fano, em que ambas são punidas.

Quando fazemos o cruzamento do tratamento dessa temática nos três textos, é possível destacar como as penalidades por traição recaem sobre os acusados.

10. Para WOLICKI, quando se trata da terminologia *moichos/ moicheia*, “there is no way to determine whether the content of the term broadened with time or was originally such. Naturally we should assume that Greeks had always considered adultery vulgar sex. However, based on etymology alone it cannot be determined whether a young woman’s engagement in premarital sex or a widow’s failure to remain in celibacy were treated so from the very beginning, or did they start to be perceived in such a way only as male domination over the female part of the family took on a more formal shape” (2007, p. 140).

11. Sobre as possibilidades legais da *moicheia*, ver em E. CANTARELLA, *Studi sull’omicidio in diritto greco e romano*, Milano, 1976, pp. 145-152.

12. Segundo CAREY é possível serem apresentadas em discursos áticos penalidades de *moicheia* em casos tanto femininos quanto masculinos. No caso masculino, o autor cita como exemplo Eufiletos em Lys. 1, em que: “the law punishes moichoi with death, while for rapists the penalty is pecuniary (...) Though this formulation has been accepted by many modern scholars, including the present writer, at the very least it oversimplifies the picture. That the dike biaoion, available in cases of rape, prescribed damages for the victim (where this was an adult male) or for kyrios if the victim was a female or male minor is incontrovertible. On this Lysias' quotation from the law is explicit. His distortion consists in suppressing less lenient punishments which a rapist might suffer (1995, pp. 408-409)”.

13. Is. 3.

14. Is. 3.3,13.

Contra Neera, é condenada por ser estrangeira e se comportar como uma cidadã. Contra Timarco, a punição é a destituição da condição de cidadão. Fano, filha de Neera, também é acusada de *moicheía*: na peça oratória, a acusação é que ela desacredita os princípios de convivência entre cidadãos, agindo como uma cidadã mesmo que ela não o fosse¹⁵. Nesse sentido, o termo está associado à traição: ela trai o marido ao assumir uma condição que não possuía, e trai também as leis da *pólis*, recebendo por isso a punição de exclusão do convívio social. Caso ela desrespeite a sentença, ela pode sofrer punições físicas e ser punida com a morte¹⁶. No caso de File, filha de Pirro, ela perdeu o direito à herança¹⁷, o que demonstra a extensão das consequências do suposto comportamento de sua mãe.

Em *Sobre o assassinato de Eratóstenes*¹⁸, a traição possui uma abordagem e um tratamento diferente, o que, de certa maneira, torna o documento um caso excepcional, por apresentar ações pouco usuais. A não-acusação de adultério da mulher de Eufileto; a acusação do amante, *Eratóstenes*, considerando-o como notório sedutor¹⁹; e a tentativa de provar um assassinato não-premeditado não são usuais. Notamos que, além disso, a curiosa anuência de Eufileto, caracterizada pela sua ausência do lar²⁰; e a defesa do direito ao assassinato para vingar o adultério e para evitar que a corrupção do leito conjugal chegue a outros *oíkoi*²¹. Nesse sentido, a violência é direcionada ao adúltero, e a sexualização do ato não está na mulher, mas no homem. A responsabilidade do comportamento e do desejo feminino²² é “suavizada” na defesa do proponente, visto que na peça oratória o argumento não passa pela punição (ou mesmo acusação) da mulher, mas pela defesa da própria honra por parte de um cidadão, e pela defesa de seu *oikos*. A menção à possibilidade de aplicação de diferentes penas às esposas dos cidadãos e às amantes não-cidadãs (*doúlai, hetairai, pallakai*)²³ explicita a estruturação do adultério sexual em níveis. Isso é uma evidência de que o adultério seria mais comum entre as não-cidadãs.

O documento também explora os receios masculinos a respeito da administração do *oikos*, os quais estão refletidos na argumentação, que reiteradas vezes

15. D. 59.86.

16. D. 59.87.

17. Antipho 1.60,65.

18. Lys. 1.

19. Lys. 1.15-16.

20. Lys. 1.10-12,20.

21. Lys. 1.36,49.

22. Lys. 1.31.

23. *Idem*.

se utiliza das figuras de pensamento para reforçar noções sobre o acesso à casa, ao controle e à fidelidade feminina²⁴. Assim, como demonstra a argumentação da defesa, o assassinato de Eratóstenes foi um meio de restauração da honra, de manutenção da cidadania, de garantir o bom funcionamento *pólis* diante dos perigos à ordem pública representado pelos transgressores e adúlteros²⁵. A argumentação procura fazer menção às leis da cidade que tratam de assassinato e adultério para justificar tais argumentos. Nesse sentido, na defesa do assassinato, Eufileto, ao longo de seu testemunho, se reporta diretamente às principais instituições democráticas (*oikos*, *pólis*). Ele relaciona a defesa do espaço privado à preservação dos valores que asseguram a vida na *pólis*. Essa noção encontra correspondência no fato do *oikos* ser reconhecido pela sociedade ateniense como expressão do indivíduo; e o indivíduo ser expressão seu *oikos*²⁶. O argumento de Eufileto está resumido no final da petição, onde se menciona que as punições para o assassinato – a perda da vida e das propriedades –, caso aplicadas pelo tribunal, seriam atos públicos contra um cidadão que teria simplesmente obedecido as leis da *pólis* (1.50)²⁷. Esse discurso indica que o bom cidadão toma parte dos ritos e regramentos sociais e sabe administrar de maneira equilibrada o domicílio.

As proposições acima nos remetem, mais uma vez, ao discurso de Isômaco²⁸, que parafraseia Homero ao citar a “ordem natural das coisas na mais pura e simples forma”: primeiro o *oikos*, depois a mulher e uma ferramenta de arado resistente. Ao tratar da colaboração feminina para o funcionamento do *oikos*, Aristóteles cita os deveres femininos nos afazeres cotidianos: o controle de despesas, a organização do trabalho e dos trabalhadores²⁹. As penas aplicadas contra a esposa de Eufileto refletem esse princípio: ao impedir a sua circulação e a sua participação em eventos públicos³⁰, a sua atuação fica restrita ao cuidado

24. Lys. 1.10,26,29,32,33,35,36,44,47,50.

25. Lys. 1.33,36,50.

26. D. M. McDOWELL, *The Law in Classical Athens*, New York, 1986, pp. 84-85.

27. A referência nos remete a indicação de Aristóteles (Arist. *Ath.* 57.3) sobre o julgamento de assassinatos premeditados e não-premeditados cometidos por moradores da cidade de Atenas. Nela, está indicada a separação dos lugares de julgamento: mortes premeditadas como assassinato, envenenamento, ferimento, incêndio, são julgadas no areópago; mortes não-premeditadas, como conspirações e assassinatos de escravos, de estrangeiros, são julgadas no *Palladium*; mortes em atividades esportivas, por traição e na guerra são julgadas no *Delphinium*; indivíduos que buscam exílio devido a admissão de ofensas, acusados por causa de homicídio ou por ferimento, são julgados no *Phreatus*.

28. Arist. *Oec.* 1.1343a.

29. Arist. *Oec.* 1344b.

30. Lys. 1.31.

do lar, ao que Aristóteles afirma ser a prioridade das preocupações de uma esposa. Tal inferência que aqui fazemos não está baseada apenas na observação da pena recebida, mas também se baseia no relato de Eufileto, que atesta a intensa interação feminina em espaço público, em eventos sociais, religiosos (em um funeral³¹; nas *Thesmophória*³²) e cotidianos (suposta visita a um vizinho para que ele acendesse uma lâmpada³³). Essa interação no espaço público propiciou o encontro e a interação com Eratóstenes. Restringir a interação pública e manter a atuação no espaço privado faz todo o sentido nesse contexto, caso se observe tanto o discurso, quanto aquilo que pode ser inferido a partir de Aristóteles.

Há ainda, na peça oratória, a apresentação de diversas interações sexuais: Eufileto e a esposa; a esposa e *Eratóstenes*; *Eratóstenes* e uma mulher³⁴; Eufileto e uma jovem serviçal³⁵. Tais interações correspondem, respectivamente, a: casamento, adultério, relacionamento sem a menção de laços matrimoniais/traição e concubinato. A afirmação da esposa de Eufileto que ele poderia ter relações sexuais³⁶ com uma outra mulher sem que isso interferisse no casamento demonstra que tal atitude era recorrente. Outro dado interessante é o destaque à menção do relacionamento de Eratóstenes com uma mulher que aparentemente não possui conexões com ele, mas que provavelmente possuía algum tipo de relação com a cidadania³⁷. Ela e a esposa de Eufileto servem de exemplo de condutas desviantes do papel esperado da mulher cidadã que se serve de táticas diversas para despistar as leis e as medidas restritivas. Ambos os casos ilustram que a restrição da sexualidade é fundamental no controle da *pólis* sobre o corpo da mulher.

Quando nos referimos às táticas femininas, reportamo-nos à noção desenvolvida por Certeau³⁸ a respeito da utilização inteligente de esquemas que brevemente escapam ao controle das instituições políticas e sociais. Pensamos que essas

31. Lys. 1.8.

32. Festival religioso dedicado à deusa Deméter, celebrado no outono por mulheres atenienses. Ver em Lys. 1.20.

33. Lys. 1.12.

34. Lys. 1.15.

35. A palavra em grego para designar o termo seria παιδίσκης [*paidískēs*], com tradução aproximada, tanto no inglês quanto no português, “jovem aprendiz”, “jovem serviçal”. Não há qualquer menção, nessa parte, à palavra *doûlos* (escravo) e seus derivativos. Ver em Lys. 1.12.

36. Como já havia tido em Lys. 1.12.

37. Faz-se menção, no texto, à palavra grega γυναικός [*gynaiikós*], substantivo feminino singular genitivo que significa “mulher”. Esse termo não faz alusão ao gênero, mas é específico, na passagem em questão, para designar uma cidadã casada.

38. M. DE CERTEAU, *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*, Petrópolis, 1994.

brechas são encontradas no trânsito cotidiano das práticas³⁹, e constituem, com o tempo e com a sua repetição lenta, porém, contínua, procedimentos que burlam o sistema estabelecido. No caso em questão, é possível perceber que a sexualidade feminina encontra outras possibilidades para se manifestar para além dos limites impostos. No caso da mulher de Eufileto, identificamos alguns exemplos dessas táticas: a utilização de escravas para intermediar contato entre ela e Eratóstenes⁴⁰; a troca de quartos para atender as necessidades do bebê, ficando a esposa na parte de baixo (próximo à saída), e o marido na parte de cima da casa⁴¹; a posse da chave do próprio quarto⁴²; a visita da vizinha para acender uma lamparina quando ela foi questionada a respeito do barulho feito pela porta⁴³; e o uso de maquiagem no rosto, apesar do período de luto pela recente morte do irmão⁴⁴.

O raro relato do encontro sexual⁴⁵ é singular, visto que não é costumeiro expor a mulher diante do tribunal público. Essa conduta, portanto, é estratégica: as táticas empregadas parecem auxiliar a repreensão da sexualidade dessa mulher citada através da exposição pública. Tal ação serve, principalmente, como um aviso em relação à gravidade desse tipo de acontecimento. Assim, notamos que a invisibilidade dos propósitos das ações públicas, o sigilo quanto aos objetivos das táticas, é importante para atingir a finalidade da ação⁴⁶. As estratégias são públicas e são direcionadas para o público, mas conservam um aspecto privado: elas reforçam práticas de controle que culminam na certeza em relação à descendência⁴⁷, e principalmente impedem uma intromissão indesejada no *oïkos* de um cidadão.

Em *Contra a madrasta por envenenamento*⁴⁸, a discussão sobre a sexualidade fica em segundo plano. Antifonte descreve um processo que trata do suposto assassinato cometido pela madrasta do declarante anos antes. A acusação tem por objetivo obter vingança contra a madrasta por: ter se tornado órfão; por diversas vezes a madrasta causar riscos de morte para o pai⁴⁹ – possivelmente por enve-

39. *Idem*, pp. 9-13.

40. Lys. 1.20.

41. Lys. 1.9.

42. Lys. 1.13.

43. Lys. 1.14

44. *Idem*.

45. Lys. 1.24.

46. M. de CERTEAU, *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*, Petrópolis, 1994, pp. 11-13.

47. Lys. 1.33.

48. Antipho 1.

49. Antipho 1.3.

nenamento⁵⁰; e pelo envenenamento que causou a sua morte. A tática da madrasta era ministrar poções sob o pretexto de reativar o interesse romântico e sexual. Essas táticas possivelmente foram influenciadas pelo contato entre a madrasta e uma *pallaké* que se tornou sua amiga⁵¹. Isso fica claro quando o proponente menciona que a *pallaké* ensinara uma maneira de “restaurar o amor”⁵² através de uma poção. Essa poção foi adicionada ao vinho após um jantar na casa de Filoneu (acompanhante da *pallaké*). Envenenado, Filoneu morre imediatamente, e o pai do requerente, vinte dias depois⁵³. O *phármakon* ministrado pela madrasta remete ao mitológico assassinato de Hércules praticado por Dejanira (S. Tr.). Nesse sentido, ambos os casos de indução do interesse romântico/sexual mostram que a dose excessiva da poção (*philtion*) funcionou como veneno (*phármakon*)⁵⁴. O *péplos* envenenado do herói dado por sua esposa, ao invés de reavivar o interesse romântico, gerou a morte, revelando que a tentativa de controle das emoções e da sexualidade masculina está fora do alcance feminino. Qualquer tentativa de ativá-los poderia ser uma ameaça, com consequências para além da incitação ao desejo⁵⁵. Isso revela a distância feminina de outras expressões sexuais que não fossem a sua, controlada e sob controle. Logo, qualquer movimento em direção à tentativa de dominar o desejo masculino ou em direção à ampliação do poder exercido pela própria sexualidade poderia ter consequências terríveis, submetendo a mulher que assim procedem à exposição e ao julgamento diante da audiência pública.

Se pensarmos na acepção geral da palavra como droga, vemos que, para Burkert⁵⁶, a utilização do *phármakon* fazia parte de rituais de autopreservação. Em uma crise, o seu uso seria uma válvula de escape ou uma solução para o problema. A utilização do *phármakon* é variada, pois ele tanto serve para restabelecer a saúde, sendo, neste caso, um remédio; como serve para envenenar⁵⁷. A argumentação do enteado da madrasta parece captar essa concepção, da mesma maneira que o mito

50. Antipho 1.9.

51. Antipho 1.14.

52. Antipho 1.15.

53. Antipho 1.20.

54. C. COLLINS, *Reading the written image: Verbal Play, Interpretation, and the Roots of Iconophobia*, Philadelphia, 2008, p. 136.

55. C. A. FARAONE, *Ancient Greek Love Magic*. Cambridge, 1999, p. 116.

56. W. BURKERT, *Creation of the Sacred: Tracks of Biology in Early Religions*, New York, 1998.

57. Sobre o assunto ver em W. BURKERT, *Creation of the Sacred: Tracks of Biology in Early Religions*, New York, 1998; C. COLLINS, *Reading the written image: Verbal Play, Interpretation, and the Roots of Iconophobia*, Philadelphia, 2008; M. A. RINELLA, *Pharmakon: Plato, Drug Culture, and Identity in Ancient Athens*, New York, 2010.

de Hércules; porém, nessa parte do processo jurídico, o discurso a transforma em uma assassina que teria premeditado a morte de seu marido. Isso, de certa maneira, estabelece uma oposição entre o processo de Eufileto e a tentativa de provar o assassinato não-premeditado de Eratóstenes⁵⁸. O interesse do caso *Contra a Madrasta por Envenenamento* é provar a premeditação associando a madrasta a Clitemnestra⁵⁹, que é inserida no discurso para reforçar a argumentação com a noção mitológica da esposa que calcula o assassinato do próprio marido. Ainda que o ato praticado por ambas não seja o mesmo, a *mêtis* feminina⁶⁰, ardilosa e engenhosa, compõe o quadro que aproxima ambas as assassinas. A estratégia consiste na aproximação do ato da madrasta a uma narrativa compartilhada no imaginário social helênico, evocada e incorporada no discurso para que esse seja compreendido pelos seus pares.

Outro ponto que consideramos importante abordar, e que aparece em ambos documentos, é a violência praticada contra escravos e escravas. A motivação da violência contra escravos e escravas pode ter relação com a interdição de práticas que pudessem corromper a mulher cidadã. Eufileto ameaça a escrava que acompanha sua esposa com agressões e trabalhos pesados⁶¹. Já no caso da peça de Antífote, o proponente não apenas ameaça espancar e torturar os escravos⁶², como tortura e executa a *pallaké* de Filone⁶³. Neera, escrava e *hetaira*, sofre maus tratos de Frínion, um de seus contratantes⁶⁴.

58. Lys. 1.

59. Antípho 1.17.

60. Segundo VERNANT e DETIENNE o conceito de *mêtis* é amplo e pode ser definido como “uma potência de astúcia e engano” (2008, p. 29), que permite àquele que a possui a chance de “vencer” uma causa sem o uso da força. Ela consegue estimular a astúcia (*dólos*), se apropriar das vantagens (*kérdos*) e incorporar, a partir de uma noção de momento oportuno, as ocasiões particulares para dominá-las (*kairós*). Esta conjunção de fatores nivela as ações daquele que está imbuído de *mêtis*. Logo, os efeitos desse processo são ambíguos: “ora se verá aí o produto de uma fraude, a regra do jogo não tendo sido respeitada. Ora ele provocará tanto mais admiração quanto terá surpreendido mais” (2008, p. 19). Nas palavras dos autores, a *mêtis* é uma complexa noção, pois é “uma forma de pensamento, um modo de conhecer; ela implica um conjunto complexo, mas muito coerente, de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais que combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza de espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidade, habilidades diversas, uma experiência longamente adquirida; ela se aplica a realidades fugazes, móveis, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam nem à medida precisa, nem ao cálculo exato, nem ao raciocínio rigoroso” (2008, p. 11).

61. Lys. 1.22.

62. Antípho 1.9-10.

63. Antípho 1.20.

64. D. 59.37.

O que extraímos desses documentos a partir de suas táticas para fins sexuais é que as cidadãs recebem punições “leves” se comparadas às aplicadas a não-cidadãs, como veremos em seguida. Todas as mulheres apresentadas sofrem constrangimento social pela exposição em público de ações particulares, em maior ou menor grau. Porém, para as cidadãs, a punição tem o seu limite no cerceamento da circulação espacial; para as escravas, a interdição é física, punição que pode levá-las até à morte⁶⁵. O corpo é punido para impedir as práticas sexuais sem conexões matrimoniais, e principalmente para que a sua sexualidade não dê a elas o acesso às garantias fornecidas pela cidadania. A defesa do *oïkos*, feita a partir de diferentes argumentos, aparece como uma preocupação preponderante, pois compreendemos que, para os atenienses, esse era um importante espaço de expressão da cidadania.

Percebemos que as reflexões proporcionadas pelo Regime de Gênero⁶⁶ podem ser pensadas em primeiro plano, através da alteridade entre feminino e masculino; e em segundo plano, através do feminino e da cidadania. Através desses níveis, o escalonamento das relações se dá por estratos relacionais – primeiro o sexo biológico; depois, a conjuntura político-social como condição estrutural dos conceitos que associamos aos grupos sociais. Essa concepção, pensada por Foucault⁶⁷, demonstra uma rigidez funcional que, ao ser confrontada pelas táticas femininas empregadas para expressar a própria sexualidade, perde parte de sua força. Não que a estrutura foucaultiana perca a sua importância na análise da tensão entre o binômio homem/mulher: apenas adicionamos outros componentes a esse sistema, compreendendo-os como complementos que se reportam ao *ser mulher*. Esses complementos levam em conta o caráter biológico dos indivíduos analisados, que se constroem na ação social⁶⁸. Porém, eles possuem formações próprias, específicas, segundo a espacialidade, a condição cultural, social, política e econômica⁶⁹, e se estabelecem segundo suas performances cotidianas, mesmo que obedeçam às condições biológicas.

65. R. F. SUTTON, “Pornography and Persuasion on Attic Pottery”, in *Pornography and Representation in Greece and Rome*, New York, 1992, p. 57.

66. V. S. CUCHET, “O que o gênero faz na Antiguidade Grega (séculos V e IV a.C)”, in A.C. CARNEIRO LIMA (ed.), *Imagem, Gênero e Espaço: Representações da Antiguidade*, Rio de Janeiro, 2014, pp. 53-70.

67. M. FOUCAULT, *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*, Rio de Janeiro, 1984.

68. J. W. SCOTT, “Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica”, *Educação & Realidade* 20.2 (1995), 71-99.

69. V. S. CUCHET, “Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica. Onde atua o gênero?” *Tempo* 21.18 (2015), 281-300. <http://dx.doi.org/10.1590/tem-1980-542x2015v213804>.

A sexualidade feminina expressa nos dois textos apresentados contém algumas características que as diferenciam do padrão ideal: ambas estão relacionadas à exposição dos próprios desejos, ainda que reprimidos. Ambas indicam uma fratura no modelo *mélissa*, a boa esposa. O erotismo explícito ou implícito, discernível na maneira como acontece o relacionamento sexual, não possuía direcionamento explícito na esfera pública, cabendo a correção de comportamento fora desse espaço. No espaço privado, a possibilidade de se pensar maneiras diferentes de *ser mulher* tinha mais chances de lograr êxito, já que é no espaço privado que as noções sobre sexualidade são construídas. A vivência prática do casamento, a criatividade no uso das funções biológicas, o contato espacial entre mulheres de diferentes estratos sociais, são janelas abertas onde é possível vislumbrar o distanciamento do ideal presente no discurso público sobre gênero e sexualidade, que não corresponde precisamente ao cotidiano⁷⁰.

Logo, percebemos que a constrição da sexualidade e dos desejos fomentados pelo erotismo não pareciam formar decisivamente a construção da identidade feminina cotidiana, seja antes, seja depois do casamento. Embora haja rituais em que as mulheres podem participar desde a infância, como, por exemplo, as Arréforas (rituais dedicados a Afrodite⁷¹), e houvesse preparações para práticas afetivas no casamento, é certo que esses não carregavam, *a priori*, os ensinamentos quanto às noções do múltiplo universo dos prazeres. Esse ideal pudico desejável à *gyné* (à mulher bem-nascida) não restringe as práticas, o que pode ser observado na tendência discursiva dos oradores, ou observado nas leis prescritas, que declaram o gênero feminino culpado dos crimes relacionados às tentações do corpo⁷². Isso adiciona um elemento importante na análise da complexa relação entre o gênero e a sexualidade.

O sexo como artifício feminino foi tratado por Demóstenes e Lísias como elemento capaz de desfazer o bom comportamento de homens, transformando o *oikos* no espaço em que a cidadania é deformada. Mulheres sedutoras, posicionadas no universo privado, só podem ser plenamente avaliadas se um ideal restrito e restritivo for aplicado contra as suas práticas correntes. Porém, para além das condições e leis que resguardam o gênero, as atividades cotidianas da casa correspondem à vida e à transformação da vida familiar, e são marcadas

70. Sobre o assunto, ver em L. FOXHALL, *Thinking men: masculinity and its self-representation in the classical tradition*. London, 1998; S. BLUNDELL, *Women in Ancient Greece*, New York, 1995; S. LEWIS, *The Athenian Woman: An Iconographic Handbook*, New York, 2002.

71. C. CALAME, *Eros na Grécia Antiga*, São Paulo, 2013.

72. K.J. DOVER, *A homossexualidade na Grécia antiga*, São Paulo, 2003.

pelo trânsito constante de práticas⁷³ em um jogo arquitetônico menos rígido e mais passível de intensas negociações. Ainda que sobressaiam as vontades masculinas, o interesse feminino existe e escapa, dinâmica e ricamente, pelas portas das casas. Mudanças em cômodos para maior conforto e trabalho⁷⁴, a distância entre os espaços dedicados ao exercício das atividades sexuais, a mudança nos interesses particulares⁷⁵ evidenciam não só o interesse feminino, mas também, a necessidade do controle do espaço pelas mulheres para a expressão da própria sexualidade.

73. M. de CERTEAU, *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*, Petrópolis, 1994, pp. 217-225.

74. B.A. AULT & L. NEVETT, (eds.), *Ancient Greek Houses and Households. Chronological, Regional and Social Diversity*. Philadelphia, 2005.

75. Notados, por exemplo, pela mudança de cômodo para se afastar o marido e realizar encontro entre uma mulher e seu amante – como aparece no caso de Eratóstenes, em Lys. 1.9-10, 25.

Bibliografia

- ANTIPHON, *Minor Attic Orators. Vol. 1: Antiphon, Andocides* (trad. K.J. Maidment), London, 1941.
- B.A. AULT & L. NEVETT (eds.), *Ancient Greek Houses and Households. Chronological, Regional and Social Diversity*, Philadelphia, 2005.
- S. BLUNDELL, *Women in Ancient Greece*, New York, 1995.
- P. BRULÉ, *Women of Ancient Greece*, Edinburgh, 2006.
- W. BURKERT, *Creation of the Sacred: Tracks of Biology in Early Religions*, New York, 1998.
- C. CALAME, *Eros na Grécia Antiga*, São Paulo, 2013.
- E. CANTARELLA, *Studi sull'omicidio in diritto greco e romano*, Milano, 1976.
- C. CAREY, "Rape and Adultery in Athenian Law", *The Classical Quarterly (N.S.)* 45.2 (1995), 407-417.
- M. de CERTEAU, *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*, Petrópolis, 1994.
- C. COLLINS, *Reading the written image: Verbal Play, Interpretation, and the Roots of Iconophobia*, Philadelphia, 2008.
- V.S. CUCHET, "O que o gênero faz na Antiguidade Grega (séculos V e IV a.C)", in A.C. CARNEIRO LIMA (ed.), *Imagem, Gênero e Espaço: Representações da Antiguidade*, Rio de Janeiro, 2014, pp. 53-70.
- V.S. CUCHET, "Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica. Onde atua o gênero?", *Tempo* 21.18 (2015), 281-300. <http://dx.doi.org/10.1590/tempo-1980-542x2015v213804>.
- K.J. DOVER, *A homossexualidade na Grécia antiga*, São Paulo, 2003.
- DEMOSTHENES, *Against Neaera. Private Orations* (trad. A. T. Murray), London, 1988.
- C.A. FARAONE, *Ancient Greek Love Magic*. Cambridge, 1999.
- M. FOUCAULT, *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*, Rio de Janeiro, 1984.
- L. FOXHALL, *Thinking men: masculinity and its self-representation in the classical tradition*, London, 1998.
- A. GLAZEBROOK, "Sexual Rhetoric: From Athens to Rome", in T.K. HUBBARD (ed.), *A Companion to Greek and Roman Sexuality*, Oxford, 2014, pp. 431-445.
- A. GLAZEBROOK & M.H. MADELEINE (eds.), *Greek Prostitutes in the Ancient Mediterranean, 800 BCE-200 CE (Wisconsin studies in classics)*, Madison, 2011.
- ISAEUS, *Speeches* (trans. E. S. Forster), London, 1962.
- R.C. JEBB, *Selections from the Attic Orators*, South Carolina, 2009.

- JENOFONTE, *Recuerdos de Sócrates; Económico; Banquete; Apología de Sócrates* (trad. J. Zaragoza), Madrid, 1993.
- S. LEWIS, *The Athenian Woman: An Iconographic Handbook*, London, 2002.
- F. LESSA, *O Feminino em Atenas*, Rio de Janeiro, 2004.
- F. LESSA, *Mulheres de Atenas: Mélissa do Gineceu à Ágora*, Rio de Janeiro, 2001.
- LÍSIAS. *Lisias. Volume 1* (trae. J. L. Calvo Martínez), Madrid, 1988.
- M. MASTERSON, N. RABINOWITZ & J. ROBSON (eds.), *Sex in antiquity: exploring gender and sexuality in the ancient world. Rewriting antiquity*, London-New York, 2015.
- D.M. MCDOWELL, *The Law in Classical Athens*, New York, 1986.
- C. MOSSÉ, *La femme dans la Grèce Antique*, Paris, 1983.
- S.B. POMEROY, *Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas: Mujeres en la Antigüedad Clásica*, Madrid, 1999.
- S.B. POMEROY, *Xenophon, Oeconomicus: A Social and Historical Commentary*, Oxford, 1994.
- M.A. RINELLA, *Pharmakon: Plato, Drug Culture, and Identity in Ancient Athens*, New York, 2010.
- J.W. SCOTT, “Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica”, *Educação & Realidade* 20.2 (1995), 71-99.
- P. SCHMITT PANTEL, “A História das Mulheres na Antiguidade, Hoje”, in G. DUBY & M. PERROT (eds.), *História das Mulheres no Ocidente I*, Porto, 1991, pp. 591-604.
- P. SCHMITT PANTEL, “Les femmes grecques et l'andron”, *Clio* 14 (2001), 155-181.
- R.F. SUTTON, “Pornography and Persuasion on Attic Pottery”, in A. RICHLIN (ed.), *Pornography and Representation in Greece and Rome*, New York, 1992, pp. 3-35.
- J.P. VERNANT & M. DETIENNE, *Metis: As Astúcias Da Inteligência*, São Paulo, 2008.
- A. WOLICKI, “Moicheia: Adultery or Something More?”, *Palamedes* 2 (2007), 131-142.

FLORENTIA ILIBERRITANA

Normas de edición

1. Los originales se enviarán a través de la plataforma OJS de la revista: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/florentia/about/submissions>. Los/as autores/as necesitan registrarse en la revista para poder hacer envíos.

2. Los originales deberán ser inéditos y no estar aprobados para su publicación en ninguna otra entidad.

3. Los originales recibidos serán examinados por miembros del Consejo de Redacción y a continuación enviados a un proceso de evaluación por pares. La revista cuenta con la colaboración de evaluadores externos ajenos a su equipo editorial y a la institución editora.

4. Los originales se presentarán en documentos Microsoft Word o elaborados con procesadores de texto libres equiparables. En caso de que incluyan signos o tipos de letra que puedan perder su formato, se aconseja añadir un documento PDF. Los artículos y reseñas tendrán respectivamente una extensión máxima de veinticinco y tres páginas de la revista. Se incluirán obligatoriamente dos resúmenes, uno en español y otro en inglés, y se aconseja incluir otro en la lengua del trabajo, si este no está redactado en ninguna de estas dos lenguas, con un máximo de diez líneas para cada uno de ellos. Asimismo, se incluirá un mínimo de tres y un máximo de seis palabras clave en cada una de las lenguas de los resúmenes.

5. Los cuadros, mapas, gráficos, figuras y fotografías que se entreguen con el trabajo deberán ser originales o se deberá especificar la fuente y el tipo de copyright. Todos irán numerados y llevarán un breve pie para su identificación.

6. Las citas de autores clásicos seguirán el modelo de abreviaturas del Diccionario Griego-Español (DGE), Madrid, 1989 (<http://dge.cchs.csic.es/1st/1st1.htm>) y del *Thesaurus Linguae Latinae*, Leipzig, 1990² (<https://thesaurus.badw.de/en/tll-digital/index/a.html>). Las citas de los autores modernos seguirán el modelo siguiente: Libros: J. Fairweather, *Seneca the Elder*, Cambridge, 1981². Artículos: A.H.M. Jones, "The constitutional position of Odoacer and Theoderic", *JRS* 52 (1962), 126-130. Abreviaturas más usuales: *op. cit.*, vol., p., pp., *vid.*, etc.

7. Durante la corrección de pruebas no se admitirán variaciones significativas ni adiciones al texto. Los autores se comprometen a corregir las pruebas en un plazo máximo de diez días desde la entrega de las mismas.

8. La revista no se responsabiliza de los contenidos de los artículos y reseñas.

9. Todos los libros remitidos a la redacción serán objeto de reseña o referencia.

Florentia Iliberritana es una revista científica que publica trabajos originales de investigación relacionados con el mundo antiguo en general y grecolatino en particular en sus aspectos históricos, textuales, lingüísticos, literarios, filosóficos y arqueológicos; incluye una sección de reseña de libros. Su periodicidad es anual, y su copyright corresponde a la Universidad de Granada (Editorial Universidad de Granada).

La revista está presente en las siguientes bases de datos y repertorios:

L'Année Philologique (APH); Biblioteca Classica Selecta (TOCS-In); CARHUS Plus+ 2014; Clasificación integrada de revistas científicas; CSIC. Revistas de CC. Sociales y Humanidades; Dialnet; Dyabola; ERIH PLUS; Instituto de Información de Ciencias Sociales y Humanidades (ISOC); Interclassica Universidad de Murcia; International Serials Data System (ISDS); JSTOR University of Ithaka; Latindex; Linguistics & Language Behavior Abstracts; Dulcinea; SHERPA/RoMEO; Periodicals Index Online (PIO); Regesta Imperii; SOCIOLOGICAL ABSTRACTS INC; Ulrichs Web.

La información sobre Florentia Iliberritana se encuentra en la siguiente dirección de internet: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/florentia>.

FLORENTIA ILIBERRITANA

REVISTA DE ESTUDIOS DE ANTIGÜEDAD CLÁSICA



Nº31/2020

eug EDITORIAL
UNIVERSIDAD
DE GRANADA

ISSN: 1131-8848

